

MÉTODO GUIMARÃES DUQUE UMA TECNOLOGIA AGRÍCOLA PARA O SEMI-ÁRIDO NORDESTINO¹

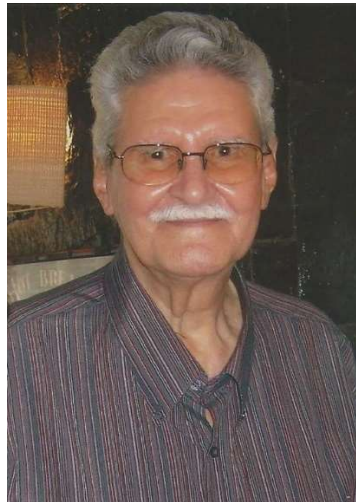
FERNANDO CHAVES LINS^{1,2}
IN MEMORIAM

* 31/05/1932

† 04/01/2018

¹ Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

² Academia Brasileira de Ciência Agronômica.



“Além de concordar com a denominação de ‘Método Guimarães Duque de Lavoura Seca’ para as técnicas de cultivo testadas pelo INFAOL, sinto-me sensibilizado e honrado com a decisão e a anuência dos ilustres técnicos e homens da indústria que fazem parte desta patriótica campanha de progresso da nossa região nordestina... Os empresários da indústria de óleos vegetais do Nordeste tomaram, em boa hora, a decisão de fundar uma entidade (INFAOL) para estudar e promover a expansão da produção das oleaginosas, abrangendo todos os aspectos científicos, práticas e de coordenação com os agricultores. A ligação do comércio e da indústria com a Agricultura sempre foi no passado, uma lacuna no progresso do campo. A visão dos idealizadores do INFAOL, a operosidade e o entusiasmo de seus técnicos permitiram as realizações dos dois primeiros anos; o importante, sobretudo, é o conhecimento mais perfeito das tarefas do futuro”.

Guimarães Duque

¹ Texto originalmente publicado pela Secretaria de Agricultura de Pernambuco e Ministério da Agricultura – DFA/PE, em comemoração ao Dia Nacional de Conservação do Solo, em abril de 1990. Manteve-se a grafia da época.

Recente programa de televisão mostrou uma experiência vitoriosa de um produtor rural de Cristolândia, em Goiás. Há sete anos, o Comandante Luiz Fernando Carneiro, seguindo conselho de técnicos holandeses que conheceu por ocasião da construção de Brasília, vem produzindo soja, milho e arroz em áreas entre faixas de vegetação nativa, mantidas seguindo a curva de nível do terreno. Essas faixas variam de dois a dez metros de largura, distanciadas umas das outras cerca de 120 metros. “A minha produtividade por alqueire está acima da média da região e gasto a metade em defensivos, em comparação a qualquer dos meus vizinhos”, declara o Comandante Carneiro.

Trazido para o Nordeste pelas mãos de José Américo de Almeida, então Ministro da Viação, José Guimarães Duque conviveu intensamente com os problemas seculares do Nordeste Semi-Árido e, entre inúmeras sugestões e projetos para minorar o efeito devastador das secas ou, melhor dito, da irregularidade na distribuição das chuvas, deixou registrado na reunião de técnicos de algodão mocó, patrocinado pelo Banco do Nordeste, em Fortaleza – em 1968 –, as seguintes diretrizes: “As práticas mais importantes, onde a chuva é desigual e caprichosa, consistem em armazenar no solo boa proporção do líquido precipitado ou, dizendo de outro modo, oferecer às culturas um período mais longo de umidade útil. Os processos adaptáveis aos talhões de mocó, de acordo com as condições do terreno, seriam os seguintes:

- a) contornos em curva de nível, sulcos, etc;
- b) talhões em faixas ou lotes alternados;
- c) cobertura do solo ou murchagem;
- d) quebra-ventos ou anteparos;
- e) alternância com pastagens, após a última safra;
- f) repouso ou alqueive da gleba;
- g) dispersão da enxurrada para infiltração no campo;

h) bacia de chuva”.

Em 1971, o Instituto Nordeste para o Fomento de Algodão e Oleaginosas, uma entidade privada sem fins lucrativos, em parceria com os governos federal e dos Estados do Nordeste, utilizou em larga escala essas diretrizes sob a denominação de Método Guimarães Duque de Lavoura Seca que, em linhas gerais, se constituía no preparo do solo com sulcos e camalhões para se reter a precipitação pluvial junto ao sistema radicular das plantas e manutenção de faixas da vegetação nativa contra a direção predominante dos ventos, distanciadas umas das outras cerca de 100 metros delimitando e protegendo, assim, as faixas de cultivo. Na ausência de vegetação nativa, as faixas eram substituídas por outras artificiais, de preferência, sorgo forrageiro, resistente às condições de semi-aridez, porte elevado e com crescimento rápido. Foram implantados com essa tecnologia em regime de parceria com agricultores, 4.106 hectares em 83 propriedades rurais, sendo 7 no Piauí, 18 no Ceará, 22 no Rio Grande do Norte, 18 na Paraíba e 18 em Pernambuco.

Nesses campos, foram observadas as seguintes vantagens ou benefícios:

- a) diminuição no custo do preparo do solo, que se fazia somente nas linhas de plantio para abertura do sulco de retenção;
- b) expansão da área plantada pela maior acumulação de água e, conseqüentemente, melhor aproveitamento das chuvas, de fundamental importância para o Semi-Árido, caracterizado por escassez e irregular precipitação pluvial;
- c) mínima mobilização dos solos com as vantagens já comprovadas pela pesquisa;
- d) maior vigor e desenvolvimento das plantas e melhoria do stand da cultura, tanto pelo maior volume de terra disponível (leiras ou camalhões) como, principalmente, pelo adicional de umidade disponível próximo ao sistema radicular em formação e desenvolvimento;

e) redução dos danos traumáticos causados pelo vento;

f) menor ocorrência das ervas daninhas pela dificuldade do seu desenvolvimento na terra investida pelo arado que enterrou mais profundamente as sementes das ervas.

O INFAOL², após visitar 9 campos em Pernambuco e Paraíba, apresentou o relatório “Observações sobre o Método Lavoura Seca nos Campos do INFAOL” (outubro de 1973), com as seguintes principais conclusões:

“1) o trabalho desenvolvido pelo INFAOL, visando estabelecer as culturas de algodão e oleaginosas em bases técnicas, com fundamento na conservação da água e do solo, será de grande projeção no futuro para o desenvolvimento do Nordeste Brasileiro;

2) as práticas já adotadas nos campos do INFAOL, de sulcos e camalhões, deverá proporcionar um grande aumento na produção de algodão e oleaginosas;

3) os efeitos de tal prática são tão evidentes que a extensão deve aproveitá-los no máximo para o seu fomento e divulgação...”.

Da Cooperativa de Itapajé, no Ceará, o seguinte trecho de seu depoimento sobre o Método Guimarães Duque de Lavoura Seca: “visando o desenvolvimento deste sistema de plantio na região de Uruburetama, especificamente no Município de Itapagé, a Cooperativa, juntamente com o INFAOL, instalou um campo de algodão arbóreo de 25 hectares no Distrito de São Miguel. Inicialmente, o descrédito era geral por parte dos agricultores mas, à medida que os trabalhos foram evoluindo e a cultura se desenvolvendo, veio a reação, elogiaram o trabalho que se estava fazendo e chegaram à conclusão que, das formas de plantio que conheciam, aquela foi a melhor que apareceu. Aproveitando esta situação de otimismo, fez-se várias excursões com

agricultores e todos foram unânimes em afirmar que o sistema de plantio adotado pelo INFAOL irá revolucionar o sistema de cultivo do algodão”. Foi também o que concluíram estudantes do Projeto Rondon Meio Norte, ao realizarem pesquisas de opinião junto a 347 agricultores que haviam participado de excursões a campos do INFAOL: “92% acharam bom o carregamento do algodão; 89% consideraram os campos do INFAOL melhores do que os seus; 95% opinaram que o método do plantio (sulcos e camalhões) irá melhorar a produtividade da cultura; 94% afirmaram não ter nenhuma dúvida quanto aos ensinamentos transmitidos por ocasião desses dias-de-campo”.

Fernando Chaves Lins

² Instituto Nordestino para a Fomentação do Algodão e Oleaginosas.